RELIGIOSIDADE POPULAR: REINVENÇÃO DOS RITUAIS DE FÉ NA PANDEMIA DA COVID-19

Verônica Inaciola C. Farias da Cruz*

Resumo

Com os desafios trazidos pela pandemia da Covid-19, verificamos através de pesquisas com novas tecnologias virtuais que nos permitiram essa aproximação, com as religiosidades dos grupos devocionais do chamado universo da cultura popular, como no caso das Folias de Reis da RMRJ, como foi que realizaram os seus rituais nesse período de afastamento, já que a sua ocorrência ritual nas festas de arremate e no período da jornada acontecem de forma coletiva, as trocas se dão em um contexto de reciprocidade, existindo um tempo no calendário cristão. Houve, de certa maneira, uma ruptura, segundo os três Mestres entrevistados, essa interrupção não abalou a fé que os mantém na tradição, pelo contrário, só aumentou, o que aconteceu foi uma reorganização desse ritual de mediação entre o devoto e o sagrado. Esses são novos tempos de fé para os devotos dos Santos Reis que resistiram aos apelos seculares, a exclusão da própria igreja que a entronizou e ao novo pentecostalismo que avança demasiadamente nesses "entre-lugares" onde esses devotos repercutem sua fé, e agora se reinventam diante das ameaças da COVID -19.

Palavras-chave: Tradição. Fé. Pandemia. Rituais.

1 INTRODUÇÃO

Diante dos novos desafios enfrentados com a pandemia da COVID-19 em todos os setores da sociedade, inclusive nas religiões, não seria diferente com as religiosidades populares, ou seja com os autos e devoções que compreendem esse repertório que por muitos é chamado de cultura popular, mas que na verdade são rituais em que a religiosidade está presente em todo o cotidiano desses devotos, como no caso aqui estudado das Folias dos Santos Reis.

* Doutoranda em Ciências da Religião, Unicap.

Nos três grupos de Folias de Reis de três cidades da RMRJ (Região Metropolitana do Rio de Janeiro) Itaboraí, São Gonçalo e Rio de Janeiro, que compreendem objetos dessa pesquisa. Realizei entrevistas via WhatsApp e outros meios que a tecnologia nos permite, como por exemplo chamadas de vídeo.

Apreciando um pouco da trajetória histórica desses grupos devocionais, vamos verificar que essa construção se dá com a chegada dos colonizadores (conquistadores), que trouxeram suas cruzes e seus santos, imprimindo aqui uma nova maneira de crer, um catolicismo medieval já extremamente sincretizado, não levando em consideração a cosmovisão dos povos originários que aqui encontraram, o mesmo acontecendo mais tarde com os povos africanos que sofreram a diáspora da escravidão e que aqui tiveram que reconstruir suas teias culturais e religiosas.

> Entre a miséria e a opressão, este foi sempre um país de muitas festas e quase todas tinham ou têm o que ver com o catolicismo português. Rituais que os colonizadores trazem junto com as muitas cruzes e imagens de santos, e de que se servem tanto para uso próprio, quanto para a conversão forçada de indígenas e africanos, disseminam-se por toda a parte no campo e nas cidades. Ali se canta, dramatiza e dança festivamente. Não foram poucos os viajantes europeus que durante os quatro séculos da Colônia viram com espanto e escreveram sobre festas ruidosas dentro dos templos. Festas que misturavam negros e brancos, leigos e padres (BRANDÃO, 1985, p. 134).

Com essas considerações o autor nos apresenta esse catolicismo de padroado que tinha no Estado o seu comando. Trocando em miúdos ele funcionava de acordo com as intenções da Coroa, foram séculos de uma hegemonia religiosa que deixou no povo essa maneira devocional de crer e que durante a sua trajetória deu espaço para a sua recriação, pois essa aproximação de culturas tão diferentes gerou novas formas de salvação e uma outra maneira de se relacionar com o sagrado,

> Sabemos que a fé popular em um Deus criador e sustentador da vida e do mundo, através dos seus espíritos e santos, é um alento à necessidade que o povo tem de recriar a existência e cabe ao próprio povo cuidar e/ou transformar esse patrimônio religioso; mas percebemos que a tradição cristã, com a sua teologia da criação, pode ajudar, num processo de inculturação, a redimensionar a fé popular e desenvolver a sua antropologia teologal no sentido de uma maior integração entre as dimensões de matéria e espírito –tornando assim mais integrada a experiência de Deus e a vida mesma do povo (ARAGÃO,2002, p. 41).

Essa nova maneira de se relacionar com o sagrado que o autor coloca tem a ver com o conceito de sincretismo religioso, que imprimiu no povo essa assimilação de culturas que nos deixou como legado essa visão de mundo que se reconfigura nas procissões, nas peregrinações aos santuários e nesse universo de devoções das culturas populares em que a Folia dos Santos Reis protagoniza neste trabalho, e que nem o processo de secularização e as contemporâneas transformações no campo religioso as apagaram do imaginário desses devotos.

> Nossa tarefa é mostrar a legitimidade do sincretismo como processo de vida de uma religião. Sua relevância no Brasil é grande, dada a profunda sensibilidade religiosa do povo e a efervescência de expressões religiosas existentes, de distinta procedência, da África, dos indígenas, dos caboclos, do cristianismo colonial-medieval, reformado e modernizado, das várias congregações cristãs. Aqui o catolicismo pode, ao encarnar-se e abrir-se a esta riqueza religiosa, criar um rosto novo (BOFF,1981, p. 161).

Essa forma de crer, que de tão longe vem vindo, perpassa o imaginário desses devotos dos Santos Reis, que mesmo no auge da pandemia da COVID- 19 não se distanciaram de suas crenças , embora tenham reinventado seus rituais.

2 ENTRE FESTAS E JORNADAS: A MANUTENÇÃO DOS RITUAIS DAS FOLIAS DE REIS

Os rituais das Folias de Reis compreendem o ciclo natalino, repercutem no tempo presente e em outro espaço a jornada dos Reis do Oriente ao encontro do Deus menino, assim como descrito no Evangelho de Mateus 2, e aqui introduzido no século XVI pelos padres Jesuítas em forma de auto[1] para divulgar o cristianismo nas novas terras, e mesmo com toda contradição com a expulsão dessa devoção e de tantas outras maneiras populares de crer da Igreja que as entronizou, principalmente com a romanização do catolicismo, elas continuam vivas e fazem parte da sociedade, embora ainda haja muita discriminação.

A Jornada dos Santos Reis é a representação materializada por esses foliões que levam suas bandeiras, objeto de mediação com o sagrado, à casa dos devotos para troca de dons, milagres, num verdadeiro ato de solidariedade e fé. Não se trata de um gesto solitário, ele é coletivo e precisa do envolvimento de todos para acontecer.

As Festas de Arremate, também compreendem esse ritual e embora não circule como a jornada, ela também é coletiva, é o gesto ritual de agradecimento pelo sucesso da jornada, ali tem dança, canto, comida e bebida, hora de celebrar e agradecer as dádivas.

2.1 RITUAIS COLETIVOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sempre com agendas para visita aos devotos, porém sem perder a legitimidade de suas crenças e tradição, seus códigos simbólicos são expressos e assim entendidos pelo coletivo que assimila seus significados,

[1] Os Jesuítas utilizavam o teatro, a música, a dança, entre outras expressões artísticas para a catequese e evangelização.

é "quando a crença religiosa e o ritual confrontam-se e confirmam-se mutuamente (GEERTZ, 2008, p. 144).

Neste período as visitas não puderam acontecer e os códigos de um ritual coletivo precisaram ser reinventados, e para isso cada mestre[2] junto aos seus foliões decidiram como seria feito.

3 COMO REINVENTAR ESSA TRADIÇÃO? EM TEMPOS DE AFLIÇÃO A FÉ PRECISA SER FORTALECIDA

Transcrevo aqui parte dos relatos desses devotos sobre o período da jornada 2020/2021, pois a jornada desses devotos acontece entre o Natal e o dia de Reis, no Rio de Janeiro ela acontece até o dia do padroeiro São Sebastião, só que a cantoria depois do dia de Reis é para o santo, não mais para o nascimento do menino Jesus. A festa do arremate segue calendário escolhido pelos mestres das folias.

O Mestre Fumaça da Bandeira da Cidade de São Gonçalo relata: "O giro não aconteceu, não fizemos nenhuma visita aos devotos nesse período da jornada, mas dentro do possível, cumprindo as normas, realizamos o nosso ritual, a bandeira não girou, ficou no barracão, mas fizemos a nossa louvação junto aos devotos que compareceram".

O Mestre Tião (Tião foi cantar Reis no céu) da cidade de Itaboraí, já não tem esse núcleo familiar em seu grupo e nos relatou o seguinte: "Não reuni os foliões para o giro, mas assim mesmo, sozinho, fiz a cantoria e louvação diante da bandeira cumprindo o ritual da profecia do nascimento do Menino Jesus".

O Mestre Hevalcy da Bandeira Sagrada Família no Morro da Mangueira na cidade do Rio de Janeiro, nos fez o seguinte relato: "O giro aconteceu de forma mais restrita, cumprindo as orientações das normas sanitárias, saímos apenas duas vezes, no dia de Natal e no dia de Reis, com a

[2] O mestre é o líder do grupo, principalmente o religioso, é ele que preside todo o ritual.

maior fé e respeito, foi um ano de mais fervor, pedindo a intercessão dos Santos Reis e de São Sebastião no combate a pandemia.

4 CONCLUSÃO

Nas entrevistas realizadas com os mestres dos grupos estudados e alguns foliões percebemos como a autenticidade de suas crenças não foram abaladas nesse período embora tenham reinventado novas maneiras de praticarem seus rituais.

Essa conceituação de reinvenções das tradições é ampliada às outras devoções pertencentes à religiosidade popular, pois os espaços para as mudanças fazem parte do fluxo social, um fenômeno muito comum da cultura (HOBSBAWM & RANGER, 2018. p.13) nos sinaliza muito bem essa questão, nos alertando sobre essa capacidade de adaptação e flexibilidade dos atores aos quais a tradição permeia seus cotidianos, sem deixar de citar, portanto, as intenções e interesses que estão em jogo para essa transformação, o que implica tanto a demanda quanto a oferta.

Assim são as folias de reis , os congados, a dança de São Gonçalo e todas essas expressões que trazem na sua origem essa forma de preservar uma religiosidade que foi permitida aos pobres, camponeses e mais adiante aos operários, portadores dessa cultura, que tiveram que migrar para as grandes cidades, ocupando suas periferias, mas que não deixaram de realizar os seus rituais de fé , como nos casos desses três grupos de folias de reis que venho pesquisando na RMRJ, e que aqui falei mais especificamente desse período da pandemia da COVID-19, como aconteceram os seus rituais de devoção aos Santos Reis na jornada que canta o nascimento de Jesus.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz S. Religiosidade Popular e a Fé Cristã. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, n.1, p.38-64. PE,2002.

AUGUSTA, Ana. **Cantigas de reis e outros cantares**. Rio de Janeiro: INELIVRO,1979.

AZZI, Riolando. Formação histórica do catolicismo popular brasileiro. **A religião do povo.** São Paulo: Paulinas, 1978.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos Altares da Modernidade**. Petrópolis: Vozes,2017.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: UFMG,2001.

BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Máscara**: A Circulação de Objetos Rituais nas Folias de Reis.Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

BOFF, L. **Igreja: Carisma e Poder**. Ensaios de eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981.

BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo, um estudo sobre religião popular**. Uberlândia/MG: EDUFU,2007

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas,1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola.** Petrópolis: Vozes,1980.

CANCLINI, Nestor García. **Las Culturas Populares em el Capitalismo**. Nueva
Imagen: México ,1989.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joaseiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano, Artes de Fazer.** Petrópolis/ RJ: Vozes, 2003.

COX, Harvey**. A Festa dos Foliões.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1974.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local, Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 2001.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HOORNAERT, Eduardo**. A Formação do Catolicismo Brasileiro,1550,1800.** Petrópolis/RJ: Vozes,1974.

MONTES, Maria Lucia. **As Figuras do Sagrado: Entre o público e o privado.** Rio de Janeiro: Companhia das letras,2013.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. São Paulo: Cosac Naify,2013.

SCOOT, James C. **A Dominação e a arte de Resistência: discursos ocultos**. Lisboa: Letra Livre,2013.

SILVA, Washington Maciel da. **A FESTA DOS REIS MAGOS***: tradição e modernização na Microrregião do Sudoeste de Goiás* Tese apresentada à Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Programa em Ciências da Religião,2018

STEIL, Carlos A. **O Sertão das Romarias**; Um Estudo Antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa**.** Petrópolis: Vozes,1999.